

# Incor realiza transplante de fígado

Fila aberta há 10 dias

HELENA MADER

DA EQUIPE DO CORREIO

Um telefonema despertou o sanitarista Dário João Bernardes, 53 anos, na madrugada da última quarta-feira. Era a notícia que ele esperava havia três anos: poucas horas depois, o alagoano seria submetido a um transplante de fígado. Ao lado da esposa, a professora Lúcia Bernardes, 53 anos, Dário seguiu com pressa para o Instituto do Coração (Incor) para fazer a complexa cirurgia, que durou mais de seis horas, e foi realizada pela equipe chefiada pelo dr. Lúcio Lucas Pereira. O paciente se recupera bem e comemora a operação que salvou sua vida. "Ele já quer saber quando vai poder sair do hospital e tomar uma cerveja. Está animado e de excelente humor", conta a mulher do sanitarista.

Dário Bernardes era portador de hepatite C desde 1992. Apesar das tentativas dos médicos de tratar a doença com medicamentos, ele não reagiu bem ao interferon, remédio que controla o vírus. Sem opções, o sanitarista foi encaminhado para a fila do transplante em 2005. Formado em serviço social e especialista em saúde pública, o morador da Asa Norte teve de parar de trabalhar por causa da doença. "Ele estava ansioso, mas confiante. Sabíamos que o transplante de fígado era a única saída e esperamos muito pela cirurgia", conta Lúcia Bernardes, que é casada com Dário há 30 anos. O casal não tem filhos.

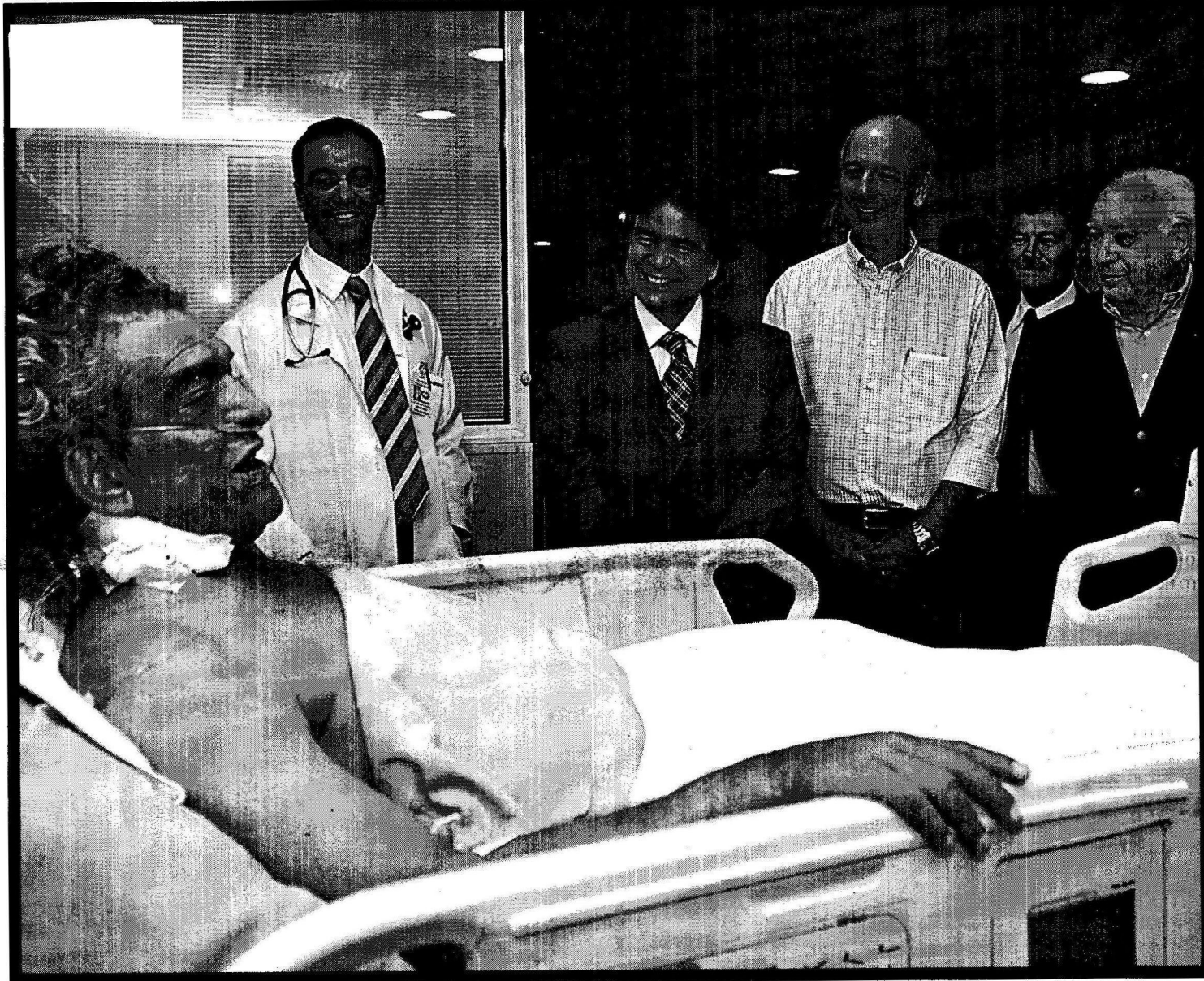
Esse foi o primeiro transplante hepático realizado no Incor e a primeira cirurgia de fígado desde 2001 no DF. O programa estava parado havia seis anos e todos os pacientes com indicação de transplante tinham de ser encaminhados para outros estados. Apesar do sucesso da cirurgia de Dário, as outras pessoas que aguardam na fila correm o risco de ficar sem o procedimento. Isso porque a Fundação Zerbini, que administra o Instituto do Coração, solicitou o descredenciamento da instituição para esse tipo de cirurgia na quarta-feira, logo após o transplante de fígado do sanitarista.

## Burocracia

A confusão começou com um problema burocrático. O contrato entre a Fundação Zerbini e o Hospital das Forças Armadas (HFA) para a criação do Instituto do Coração não autoriza os transplantes hepáticos. O Incor funciona dentro das instalações do HFA, em um quartel militar no Cruzeiro. A maior dificuldade para acrescentar uma cláusula garantindo os transplantes de fígado é que a Fundação Zerbini deixará a administração do Incor no mês que vem, quando vence o contrato.

O promotor de Defesa dos Usuários do Sistema Único de Saúde, Diaulas Ribeiro, vai tentar impedir o descredenciamento do Incor. "Já requisitei a

F. Gualberto/GDF



AUTORIDADES VISITAM O SANITARISTA DÁRIO BERNARDES, PORTADOR DE HEPATITE C, QUE RECEBEU O FÍGADO DE UMA MULHER COM MORTE CEREBRAL E SE RECUPERA BEM



A MULHER DE DÁRIO, LÚCIA, COM O CIRURGIÃO LÚCIO LUCAS PEREIRA

continuidade dos transplantes. Se for necessário, posso até instaurar um inquérito civil público. O Incor é o único credenciado para fazer as cirurgias hepáticas. Os pacientes não podem continuar desamparados, sem opção", justifica o promotor.

Para que o sanitarista Dário Bernardes pudesse se submeter à cirurgia, foi preciso vencer uma batalha nos bastidores. Por conta dos problemas contratuais entre a Fundação Zerbini e o HFA, o paciente quase perdeu a chance de ganhar um novo fígado. Foi necessário que o Ministério Público fizesse

uma requisição civil para determinar que Dário entrasse na sala de cirurgia e recebesse o órgão. A doadora do fígado transplantado no sanitarista é uma mulher, de 38 anos, que teve morte cerebral na noite de terça-feira.

Alheio às questões burocráticas, Dário Bernardes conta os dias para deixar a UTI e ir para casa. Dentro de cerca de 15 dias ele poderá receber licença médica para deixar o hospital. Ontem de manhã, Dário recebeu a visita de uma comitiva de autoridades, que foram comemorar o primeiro transplante de fígado realizado no Incor. O ministro



O CORREIO PUBLICOU REPORTAGENS SOBRE O FIM DOS TRANSPLANTES

da Saúde, José Gomes Temporão, o governador José Roberto Arruda e o secretário de Saúde, José Geraldo Maciel, estiveram com o paciente e garantiram que os transplantes de fígado não vão parar. Além de cumprir o paciente, eles também discutiram o futuro do Incor.

A Fundação Zerbini deixará o Incor em 26 de dezembro, e o Ministério da Saúde busca, juntamente com a Secretaria da Saúde, uma nova instituição para assumir e administrar o Instituto do Coração. A preocupação é que o atendimento não seja prejudicado e o programa de transplantes continue em

funcionamento. O Incor quase fechou as portas no ano passado depois de entrar em uma grave crise financeira. O hospital foi salvo graças a um acordo entre o governo federal e o GDF, intermediado pelo Ministério Público.

Com o fim do contrato com a Fundação Zerbini, o governo busca um novo parceiro. A Universidade Católica de Brasília (UCB) já demonstrou interesse e está realizando uma auditoria para saber se o Instituto do Coração é viável. A Católica tem 11 cursos na área de saúde em Brasília, além de um hospital universitário.

O Incor já fez três transplantes de coração e há dois pacientes aguardando a cirurgia. No caso dos transplantes de fígado, existem apenas quatro pacientes à espera do procedimento, já que a fila foi aberta há apenas 10 dias. "Como há muitos pacientes fora de Brasília, buscando tratamento, nossa expectativa é que elas voltem para a cidade para fazer o transplante aqui", explica o médico Lúcio Lucas Pereira, que coordenou a equipe responsável pelo transplante de fígado de Dário Bernardes. Até o ano que vem, a expectativa é que haja 150 pessoas com doenças hepáticas à espera de um transplante em Brasília. Para os médicos, o mais recomendável é que os pacientes com doença no fígado fiquem na cidade, perto da família, já que os problemas hepáticos deixam as pessoas fragilizadas.

Desde 2001, Brasília ficou sem opções para esses pacientes. O Correio publicou, no ano passado, uma série de reportagens sobre o drama dos pacientes que precisam de um transplante de órgãos para sobreviver. O Hospital de Base era o único centro autorizado a fazer esse tipo de cirurgia, mas o programa de transplantes do governo entrou em colapso a partir de maio de 2002. Nesse ano, o Ministério da Saúde cancelou a autorização do Hospital de Base para fazer o procedimento, depois que uma equipe técnica encontrou uma série de falhas estruturais no hospital. As cirurgias renais e hepáticas foram suspensas e o Hospital de Base só conseguiu renovar o credenciamento para fazer transplantes de rins. As operações de fígado nunca mais foram realizadas.

O ministro da Saúde, José Gomes Temporão, falou sobre as dificuldades dos pacientes que precisavam procurar ajuda médica em outros estados. "É para beneficiar essas pessoas que fizemos uma grande articulação entre o ministério, o GDF, o Senado e o HFA. Toda essa engenharia é para garantir o funcionamento do Incor. Não há nenhuma hipótese de o hospital fechar as portas", garantiu o ministro da Saúde.

O governador José Roberto Arruda lembrou que já foram investidos R\$ 150 milhões no Incor. "Isso é dinheiro público, que não pode ser jogado fora. O Incor não pode fechar porque presta bons serviços à população. Esse será apenas o primeiro de muitos outros transplantes", garantiu Arruda.